

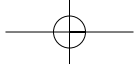
## I

No dia 10 de Agosto de 1862, às quatro da tarde em frente do conhecido *Konversationshaus* de Baden-Baden, estava reunido um grande grupo de pessoas. Fazia um tempo magnífico; tudo à volta — as árvores verdes, as casas claras da confortável cidade, as colinas onduladas — tudo se estendia em festiva abundância sob os raios de um sol benévolo; tudo sorria com uma espécie de encantamento cego e confiante, e o mesmo sorriso vago mas bondoso pairava nos rostos humanos, velhos e jovens, feios e belos. Nem as próprias figuras pintadas e maquilhadas das *cocottes* parisienses perturbavam a impressão geral da clara satisfação e contentamento; e as variegadas fitas, pérolas, ouro e ouropel nos chapéus e véus sugeriam automaticamente à vista o brilho vívido e o leve tremular das flores primaveris e das cores do arco-íris. Só o arranhar seco e gutural das conversas em francês, que se ouviam de todos os lados, não podia transformar-se no gorjear das aves nem comparar-se com ele.

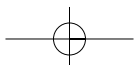
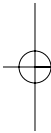
No entanto, tudo decorria como habitualmente. A orquestra no coreto tocou um *pot-pourri* da *Traviata*, uma valsa de Strauss, e depois uma canção russa, *Diz-lhe*, instrumentada por um maestro amável. Nas salas de jogo, à volta das mesas verdes, juntavam-se todas as figuras conhecidas com a mesma expressão triste e ansiosa, entre espanto e exasperação, uma expressão essencialmente predatória que a febre do jogo dá a todas, mesmo às mais aristocráticas feições. O mesmo proprietário obeso e bem vestido de Tambóv, com a mesma pressa incompreensível e convulsa, curva-

do sobre a mesa e não prestando atenção aos sorrisos frios dos *croupiers*, no preciso momento em que era declarado: «*Rien ne va plus!*<sup>1</sup>», espalhava com as mãos suadas moedas de ouro pelos quatro cantos da mesa, privando-se de qualquer possibilidade de ganhar mesmo em caso de sorte. Isso não o impedia, essa mesma noite, de apoiar, com simpática indignação, o Príncipe Kokó, um dos bem-conhecidos dirigentes da oposição aristocrática, esse mesmo Príncipe Kokó que, em Paris, no salão da Princesa Matilde, na presença da Imperatriz, dissera com tanta elegância: «*Madame, le prince de la propriété est profondément ébranlé en Russie*<sup>2</sup>.» À volta da árvore russa — à *l'Arbre russe* — reuniam-se normalmente os nossos simpáticos compatriotas; vinham altivamente, negligentemente, elegantemente, à moda, cumprimentavam-se majestosamente, elegantemente, familiarmente, como compete a seres que se encontram no pináculo da cultura moderna. Mas, depois de se encontrarem, já sentados, decididamente não sabiam o que dizer uns aos outros, e caíam na tagarelice triste ou na fala barata, vulgar, e nas anedotas extremamente impudicas de um ex-literato francês, antiquado, falador e palhaço, com uns miseráveis sapatos judaicos nos pés e uma pequena barba desprezível na face ignóbil. Ele atirava à *ces princes russes*<sup>3</sup> todos os tipos de futilidades dos velhos almanaques *Charivari* e *Tintamarre*, e eles, *ces princes russes*, desfaziam-se em gratas gargalhadas, como reconhecendo involuntariamente a opressiva superioridade do humor estrangeiro e a sua infinita incapacidade para inventar algo divertido. E eram quase todos *fine fleur* da nossa sociedade, «todos conhecidos e à moda». Ali estava o Conde X, o nosso incomparável dileitante, uma natureza profundamente musical, que «dizia» canções tão divinamente, embora não pudesse tocar duas notas correctamente sem primeiro picar o piano ao acaso com o indicador e que cantava como um cigano ordinário ou como um barbeiro parisiense. Ali estava também o nosso encantador Barão Z, esse mestre de todos os ofícios: literato, administrador, orador e batoteiro. Ali estava o Príncipe Y, amigo da religião e do povo, que nos bons tempos do monopólio oficial fizera uma enorme fortuna vendendo vodka misturada com estupefacientes. E ali estava o brilhante general O. O., que conquistara uma terra qualquer, que pacificara um

lugar qualquer, e que, no entanto, não sabia que fazer de si ou que dizer para si. E ali estava R. R., um gorducho divertido, que imaginava estar muito doente e ser um homem muito inteligente, mas que tinha uma saúde de ferro e era estúpido como uma tranca... Este mesmo R. R. era quase o único homem do nosso tempo que ainda conservava as tradições dos «leões» dos anos quarenta, da época de *Um herói do nosso tempo*<sup>4</sup> e da Condessa Vorotynsky. Conservava o porte de calcanhares assentes e *le culte de la pose*<sup>5</sup> (em russo nem há palavras para dizer isto), movimentos lentos, afectados, uma expressão majestosa e ensonada no rosto imóvel, como ofendido, e o hábito de interromper os outros com um bocejo, de examinar cuidadosamente os dedos e as unhas, de dar uma gargalhada nasal, e de repente mover o chapéu da nuca para a testa, etc., etc. Estava ali até gente do Governo, diplomatas, personagens de fama europeia, homens de sabedoria e conselho, que pensavam que a Bula de Ouro fora emitida pelo Papa e que a «poor tax<sup>6</sup>» dos Ingleses era o imposto que os pobres pagavam. Estavam ali, ainda, alguns zelosos mas tímidos admiradores das damas das camélias, jovens leões da sociedade com um superior risco-aomeio no alto da cabeça e magníficas suíças pendentes, usando autênticos fatos londrinos, jovens leões que parecia que nada os impedia de serem tão populares como o já referido tagarela francês. Mas não, já se sabe que não gostamos da prata da casa, — e a Condessa S., conhecida pontífice da moda e *grand genre*, alcunhada pelas más línguas «Rainha das Vespas» e «Medusa de boné» preferia, na ausência do tagarela francês, dirigir-se aos italianos, moldávios, «espiritistas» americanos, elegantes secretários de embaixadas estrangeiras, alemães de rosto efeminado mas já cautelosos, etc., à sua volta. Seguindo o exemplo da condessa, a Princesa Babette, a mesma em cujos braços Chopin morreu (calcula-se que haja na Europa quase mil damas em cujos braços Chopin soltou o último suspiro), e a Princesa Annette, que teria tudo na vida se às vezes, subitamente, como o cheiro de couve a vencer o melhor perfume, não surgisse nela a simples lavadeira de aldeia; e a Princesa Pachte, que era tão infortunada: o marido fora ocupar um posto importante e, de repente, *Dieu sait pourquoi*<sup>7</sup>, deu uma sova no presidente da Câmara e roubou vinte mil rublos dos fundos públi-



cos; e a jovem Princesa Zizi, que estava sempre a rir; e a jovem Princesa Zozo, que chorava por tudo e por nada — todas elas punham de lado os seus compatriotas, afastando-se deles severamente... Deixemos também nós estas encantadoras damas e afastemo-nos da famosa árvore junto da qual elas se costumam sentar em *toilettes* tão caras embora de bastante mau gosto, e que o Senhor as alivie do tédio que as consome!



## II

A alguns passos da árvore «russa», a uma pequena mesa em frente do Café Weber, estava sentado um homem bem parecido, que devia ter menos de trinta anos, de altura média, magro e moreno, com um rosto másculo e agradável. Inclinando-se para a frente e repousando as duas mãos na bengala, estava simplesmente ali sentado, calmamente, como um homem por cuja cabeça não podia passar que alguém reparasse nele ou se ocupasse dele. Os seus olhos castanhos claros, grandes, expressivos, olhavam lentamente em volta, revirando-se levemente por causa do sol, ou seguindo de repente qualquer transeunte excêntrico, enquanto um leve sorriso, rápido, quase infantil, lhe agitava o bigode curto e o queixo pequeno e proeminente. Trazia um sobretudo largo, de corte alemão e um chapéu cinzento tapava-lhe metade da testa alta. Ao primeiro olhar, dava a impressão de um jovem honesto, eficiente e bastante seguro de si, como há tantos no mundo. Parecia estar a descansar de um trabalho intenso e apreciava com simplicidade a cena à sua frente, tanto mais quanto os seus pensamentos estavam longe e se moviam num mundo totalmente diferente do que o cercava agora. Era russo; chamava-se Grigóri Mikháilovitch<sup>8</sup> Litvínov.

Precisamos de conhecê-lo e por isso tenho de contar, em poucas palavras, o seu passado, muito simples e desprezioso.

Era filho de um funcionário público reformado de família humilde<sup>9</sup>, fora criado não na cidade, como seria de esperar, mas na província. A mãe pertencia à aristocracia, fora educada num insti-